

## Relato de Experiência

### Reflexões sobre aproximação de idosos a tecnologias de informação e comunicação a partir dos arquétipos *Senex\* e Puer*

*Reflections about the approach of the elderly of  
information and communication technologies based on  
the archetypes of Senex and Puer*

Tamara Katzenstein  
Gilson Schwartz  
Maria Helena Morgani de Almeida

**RESUMO:** O envelhecimento é um fenômeno mundial e inexorável. As novas tecnologias de comunicação e informação ganham crescente importância na contemporaneidade, transformam relacionamentos e a população idosa tem muita dificuldade em acessá-la. Esse trabalho trata de uma experiência na USP com idosos da Universidade Aberta da Terceira Idade. A partir do contato com o audiovisual, a linguagem do digital foi apresentada aos alunos. As ideias de Senex e Puer são utilizadas para fundamentar essa experiência.

**Palavras-chave:** TICs; Audiovisual; Emancipação Digital.

\*Conforme conceito de Carl Jung, etimologicamente, esse termo latino, é usado para designar adultos e anciãos, chefes de família, com posto político no Senado.

**ABSTRACT:** *Aging is a global phenomenon and inexorable. The new information and communication technologies become increasingly important in contemporary society, transform relationships and the elderly population has difficulty accessing it. This work is an experience in the USP with the elderly at the Open University of the Third Age. From contact with audiovisual, digital language was presented to students. The ideas of Senex and Puer are used to substantiate this experience.*

**Keywords:** *ICT; Audiovisual; Digital Emancipation.*

## **Introdução**

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial. De acordo com o IBGE (2010), os avanços da medicina e as melhorias nas condições gerais de vida da população têm repercutido no sentido de elevar a expectativa de vida ao nascer: de 45,5 anos de idade, em 1940; para 72,7 anos, em 2008; e continua em crescimento, constatando-se em 2010, a expectativa de 73,1 anos.

De acordo com o Censo de 2010, o Brasil conta com 18 milhões de pessoas com 60 anos ou mais de idade, o que já representa 12% da população brasileira. Em decorrência da multiplicidade de fatores que influenciam o processo de envelhecimento, tais como os biológicos, psicológicos, sociais, comportamentais, econômicos, culturais e ambientais, observa-se grande heterogeneidade nos processos de envelhecer. Atualmente identificam-se desde idosos doentes, dependentes, abandonados e excluídos até idosos saudáveis, ativos, autônomos, participativos e incluídos socialmente. Grande parcela da população idosa encontra-se em posições intermediárias nesse “continuum”.

Especialmente entre os seres humanos, as variações psicológicas e sociais, e não só biológicas e funcionais, têm grande importância na determinação da velhice (Netto, 1997). Segundo Neri (2001), a idade psicológica pode ser avaliada com base em capacidades como percepção, aprendizagem e memória e ainda, segundo a maneira como o indivíduo se percebe em relação aos seus pares. Conforme avança a idade e aumenta a vulnerabilidade física, a percepção de si passa a ser mais facilmente influenciada pelo ambiente social. Considerando que esse ambiente tende a atribuir ao idoso uma imagem negativa, esse, muitas vezes, passa a identificar-se com esta imagem. Segundo Netto (1997), “impõe-se às pessoas uma espécie de envelhecimento psicológico mesmo que seus reflexos, sua motricidade ou sua capacidade intelectual não se apresentem alterados”.

No que se refere às capacidades mentais, Guerreiro e Caldas (2001) referem que o processo de envelhecimento predispõe a diversas condições de adoecimento, dentre elas, os transtornos cognitivos que compreendem desde leves déficits atencionais ou de memória, até comprometimento cognitivo extenso como a síndrome demencial.

Esquecimento entre idosos pode, então, estar relacionado a síndromes demências para uma minoria (Guerreiro & Caldas, 2001), enquanto que, para muitos deles, relaciona-se à falta de atenção, perda da integridade sensorial, lentidão psicomotora, fadiga, estresse e depressão.

Destacam-se ainda obstáculos de ordem emocional, social e cultural para o envolvimento de idosos em situações de aprendizagem com conseqüente repercussão sobre as funções cognitivas, tais como o preconceito de que os idosos não aprendem mais, a acomodação ao nível de desenvolvimento atingido, a ausência de motivação, o temor ao insucesso e a utilização de estratégias de aprendizagem pouco eficazes.

Segundo Rowe e Kahn (1998), as capacidades tanto mentais quanto físicas podem ser estimuladas, mantidas e até mesmo recuperadas através da prática regular de atividades mentais e corporais desafiadoras, constituindo-se comportamento-chave para o envelhecimento bem sucedido.

A presença marcante e crescente de tecnologias na vida cotidiana e as destrezas físicas, mentais e comportamentais por elas requeridas, tornam-nas práticas desafiantes para

idosos, especialmente em decorrência do fato destes terem sido socializados sem uso de tais tecnologias.

Nesse sentido, admite-se que comportamentos voltados à aproximação, aprendizado, uso e apropriação por idosos das novas tecnologias configuram-se como potenciais estratégias para o envelhecimento bem-sucedido. Segundo Rowe e Kahn (1998), vivenciam processos de envelhecimento bem sucedido as pessoas que apresentam baixo risco de adoecimento e incapacidades, em virtude de adoção de comportamentos protetores como: evitar doença e incapacidade e fatores de risco relacionados, manter alto nível de capacidades físicas e mentais e manter ou recobrar engajamento com a vida através de atividades sociais e produtivas.

Segundo a concepção construcionista, o conhecimento se adquire por meio da interação do indivíduo com o ambiente, a partir dos processos de assimilação e acomodação de conteúdos. O ensino de técnicas ou programas, dentro dessa perspectiva, deve partir da identificação do conhecimento tecnológico já adquirido pelo indivíduo e do reconhecimento de seu potencial para novas aquisições; esse reconhecimento, por sua vez, devem orientar-se pela descoberta de sentidos e pela experimentação (Papert, 1994).

Os meios e processos audiovisuais configuram-se para idosos, como alguns dos instrumentais privilegiados para resgate de memórias, ressignificação de histórias de vida e redescoberta de papéis sociais significativos.

Considera-se que o estímulo à fruição de filmes e documentários, a reflexão em grupo sobre eles, bem como as produções audiovisuais favoreçam processos de revisão de vida, recuperação ou fortalecimento da autoconfiança, auxiliando aqueles que envelhecem a redescobrir suas potencialidades, restituir sua capacidade de ação, além de possibilitar ampliações de suas relações sociais.

Nesse contexto, o uso das mídias digitais por idosos, com ênfase para os recursos audiovisuais, serve a um duplo propósito: ampliam exercício de capacidades, descobertas de potencialidades e participação social; além de revelar o papel fundamental das pessoas idosas enquanto transmissoras da herança cultural.

Identifica-se, entretanto, uma gama diversificada de respostas por parte dos idosos quanto ao uso das novas tecnologias, incluindo as mídias digitais: enquanto parte deles as incorpora, em distintos graus, ao seu cotidiano vivenciando-as como práticas desafiadoras e revitalizadoras, outros se veem muito distantes delas, referindo a existência de um abismo que os separa dessas tecnologias.

Aponta-se que a utilização pelos idosos das mídias digitais no cotidiano ainda é reduzida quando isso é comparado à de outras faixas etárias. Dentre os aspectos relacionados, incluem-se maior dificuldade de acesso e manuseio das tecnologias pelos idosos; desconhecimento das possibilidades oferecidas pelos recursos tecnológicos; menor exposição às tecnologias ao longo da vida; e crença minimizada sobre suas potencialidades para o aprendizado e manuseio das mídias digitais (Goldman, 2005; Kachar, 2002; 2010). As dificuldades podem ainda ser decorrentes de modificações nas habilidades físicas, cognitivas e sensoriais advindas com o envelhecimento; da pouca compreensão da linguagem computacional; e do reduzido incentivo dos familiares para utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) pelos idosos. (Tezza & Bonia, 2010).

Salienta-se que o custo emocional da não assimilação de novas tecnologias ao cotidiano tem sido vivenciado, por muitos idosos, como sinônimo de estagnação, isolamento, alienação social e exclusão digital e social.

Com objetivo de favorecer a aproximação de idosos a tecnologias informacionais e recursos audiovisuais, desenvolveu-se junto a idosos da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), da USP/SP, um curso voltado para educação e produção de imagens. Propõe-se discorrer sobre o trabalho realizado e apresentar os principais resultados.

### **Curso de difusão cultural para idosos com ênfase na educação para imagens**

O Departamento de Cinema, Rádio e Televisão (CTR) da Escola de Comunicação e Artes da USP/SP, por meio do Grupo de Pesquisa “Cidade do Conhecimento” ofereceu no 1º semestre de 2011, a pessoas com 60 anos ou mais, através do Programa “Universidade Aberta à Terceira Idade” - ligado a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP/SP - um curso com finalidade didático-cultural. Esse curso foi ministrado, por um profissional da área de comunicação/doutorando do CTR, sob coordenação de um docente da área de Comunicação e consultoria de um docente da área de Terapia Ocupacional. Este curso focou-se no uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), tendo como perspectiva inclusão digital e social dos idosos.

O curso desenvolveu-se nos moldes da ação-reflexão, constituindo-se um processo, por meio do qual a realização em concreto do programa transforma a ele próprio e aos envolvidos.

Buscou-se ampliar o conhecimento tecnológico de cada um dos participantes, definir e desencadear projetos relativos ao uso e apropriação das TICs, incluindo recursos audiovisuais

Optou-se pela adoção de estratégias de aprendizagem que valorizassem as potencialidades dos idosos, fossem condizentes com seus interesses e necessidades, sua história de vida, suas habilidades cognitivas, emocionais e físicas (Tezza & Bonia, 2010).

Nesse sentido, as aulas podem ser caracterizadas como uma experiência de apropriação individual dessas ferramentas, por meio da qual os alunos são estimulados a utilizar-se da tecnologia em benefício da transmissão de sua visão de mundo.

Segundo Halbwachs (1990), a imagem que se retém pode ser totalmente pessoal, ou se conectar ao momento social e histórico, criando uma memória, que relaciona detalhes

ressignificando-os, destacando-os do agora. A cultura, meio exterior a todo o pensamento pessoal, envolve tempo e espaço coletivo, reúne indivíduos, supondo que, momentaneamente, cada um deixe de ser ele mesmo.

Conforme Quadro 1, a seguir, planejaram-se atividades e definiram-se seus respectivos objetivos.

Quadro 1: Atividades propostas aos alunos do Curso de difusão cultural para idosos com ênfase na educação para imagens. São Paulo, 2011

<b>Atividades</b>	<b>Objetivos</b>
Apresentação dos coordenadores do Projeto, dos alunos participantes, descrição dos objetivos e conteúdo programático do Curso, reconhecimento da familiaridade com as TICs - com ênfase para os recursos audiovisuais - e levantamento de expectativas	Delinear projetos singulares
Discussão acerca das mudanças no tempo, relativas à concepção de envelhecimento e velhice, a partir da análise de diversos filmes	Constituir pensamento grupal acerca do envelhecimento e velhice nos aspectos antropológicos, a partir da projeção de filmes
Apresentação e análise dos aspectos técnicos de filmes que retratam a questão do envelhecer nas diversas épocas e culturas	Identificar e discorrer sobre elementos que formam a gramática do fazer fílmico
Apresentação e análise formal de conteúdo de vídeos, cenas de TV e curtas metragens de ficção com linguagem contemporânea, onde o idoso é mostrado por meio de diversas perspectivas	Discutir a linguagem atual da mídia e a imagem por ela veiculada em relação ao idoso e aproximar os participantes do universo do audiovisual
Leitura de textos técnicos da teoria audiovisual e da teoria da mídia.	Aproximar os alunos a teoria fílmica
Participação em evento de integração dos idosos participantes do curso a idosos institucionalizados	Promover participação dos alunos na sociedade de forma crítica, criativa, solidária e em grupo, considerando as distintas formas de envelhecer
Participação em programa de IPTV (Programa de TV pela internet)	Mostrar possibilidades e propiciar experimentação de novas tecnologias, com ênfase para sua importância para veicular e transmitir ideias e experiências

Exercício prático de gravação com câmera ou celular dos participantes que disponham de tecnologia apropriada a esse fim	Sinalizar o quanto a imagem é algo construído e representa um recorte. Ensinar o uso da câmera como instrumento a serviço da imaginação
Incentivo ao uso da internet	Favorecer comunicação entre eles, criando novos laços e estimulando a novos usos da internet
Incentivo à criação de <i>blogs</i> , orientando sua formalização e modo de usar	Contribuir para o envelhecimento intelectualmente ativo e participativo

As atividades previam que os participantes percorressem trajetórias marcadas pela: sensibilização, ampliação de repertório audiovisual, especialmente no que se refere à temática do envelhecimento e da velhice, e análise crítica em torno da produção cultural sobre o tema e experimentações de recursos.

O curso foi desenvolvido através de uma combinação de estratégias metodológicas: aulas expositivas, leitura de textos, projeção e análise de filmes e vídeos experimentais e clássicos, discussões grupais e experimentações de tecnologias do audiovisual. Considerando que o cinema tem buscado retratar o envelhecer em diferentes épocas e culturas, usou-se esse recurso para estimular a reflexão e o compartilhar de ideias, conhecimentos, percepções e sentimentos em torno do tema.

Discussões técnicas seguiram-se às ideológicas que, em conjunto, visavam a promoção, junto aos participantes, de maior compreensão acerca da imagem do idoso veiculada na mídia, tanto brasileira como internacional, tanto atual como no passado. Nesse sentido, abordagens compreensivas e discussões sistemáticas, buscaram promover resgate e compartilhamento de visões de mundo e do lugar que nele os idosos ocupam e que poderiam vir a ocupar, auxiliados pelo uso das tecnologias, dentre elas as audiovisuais, como potenciais estratégias para o envelhecimento ativo e bem-sucedido.



A partir do ensino dos fundamentos da linguagem do audiovisual e do uso de equipamentos, previa-se ainda que as aulas capacitassem os alunos a gerarem seus próprios conteúdos, dar visibilidade e voz a eles, possibilitando expressão de sua própria realidade.

## **Resultados e discussão**

O grupo de alunos foi formado por dez idosos, de idade variando de 61 a 84 anos, todos com nível superior completo. O curso foi desenvolvido no primeiro semestre de 2011, em encontros semanais de 3 horas de duração.

Antes de se iniciar o semestre, notou-se uma grande ansiedade por parte dos alunos, que nos procuravam pessoalmente, por telefone ou e-mail, para confirmarem o início das aulas. Notava-se uma vontade imensa de conversar e de serem ouvidos.

Ao iniciarem as aulas, percebeu-se que os temas e atividades propostas, especialmente discussões sobre o envelhecimento e velhice em torno de produções audiovisuais, surpreenderam os participantes, constituindo-se para os mesmos, experiências inéditas.

Os alunos vivenciaram a experiência, de forma a se expressarem livremente sobre suas concepções acerca das diferentes fases do ciclo de vida.

A maioria se percebia, até então, como receptor e não produtor de informações. No tocante as discussões acerca do envelhecimento, exibiam opiniões fortes, perseveravam nelas, demonstrando dificuldades de refletir sobre distintos pontos de vista.

Comportamentos e atitudes exibidos pelo grupo de alunos podem ser compreendidos na perspectiva dos arquétipos, em particular por meio do par arquetípico *senex e puer*. Segundo Jung (2008), arquétipos são representações coletivas de motivo mitológico e embora possam variar em detalhes, não perdem sua configuração original.

De maneira simplificada, *senex* é o arquétipo do velho e *puer*, do jovem. O *senex* contém a perspectiva psicológica da realidade dura e fixada em literalismos. O *puer* traz consigo o espírito anárquico, caótico, messiânico e destruidor, aquele que não aprende com

o tempo nem com a repetição. Conflito de gerações, conservadorismo versus radicalismo podem ser concebidos dentro desse par arquetípico (Hillman, 1989).

Segundo Hillman, o perigo da velhice daquele que não entra em contato consigo próprio e com o processo de autoconhecimento é enrijecer-se, pois apenas atualiza o *senex*.

É na união do velho com o jovem que surge Mercúrio, a imagem arquetípica da comunicação (Jung, 2008). O idoso que confronta o desenvolvimento cultural com seu conhecimento, ou, conforme Hillman (1989), seguindo adiante olhando para trás, alcança a sabedoria fértil do contato com o meio.

Nas discussões entre os alunos, havia uma tendência a criticar o mundo a partir do lugar do senhor enrijecido, que condena a atitude do mundo atual, caótico e sem regras. Essa forma de entender o mundo concorda com os adjetivos negativos associados ao arquétipo *senex* que incluem inércia, ceticismo, conservadorismo e timidez. No extremo, o *Senex* pode ser excessivamente conservador, autoritário, melancólico, privado de imaginação, o que contribui para o isolamento social e relacional vivenciado por muitos idosos<sup>1</sup>.

Nos seus adjetivos positivos, a representação do *Senex* contém a ideia do sábio que se utiliza de seu conhecimento do mundo e das pessoas para contar histórias e oferecer uma direção a elas. Numa visão mística, dá à audiência um senso de quem eles são e quem deverão vir a ser, atuando como uma espécie de mentor. No processo de individuação, o arquétipo do homem sábio, o guru, o espírito da natureza tardam a aparecer, e quando isso acontece indicam o self realizado (Jung, 2008).

---

<sup>1</sup> Cf. Carlos São Paulo, <http://www.ijba.com.br/ijba/artigos/21.pdf>.

Ao longo dos encontros e por meio de discussões em torno das diversas possibilidades de envelhecer, ainda que tenham confirmado algumas atitudes e comportamentos, repensaram outros, desconstruindo algumas ideias e preconceitos. Os alunos deixaram de se identificar exclusivamente com o velho enquanto ser inativo, improdutivo, involutivo e incapaz, pensando que essa fase do ciclo de vida pode trazer insuspeitas possibilidades e direcionando formas de pensar e agir.

Quando o idoso ingressa em programas voltados ao seu desenvolvimento pessoal e aprendizado, como os propostos pela UATI, em geral, se dispõe a aprender, transfere-se assim, da posição de *Senex* - passando a reservá-la ao professor - e coloca-se na posição de *Puer*, o aprendiz (Saiani, 2000).

A integração desses arquétipos configura-se como processo de atribuição de valor e essência à vida. Ao uni-los, devolve-se ao *Senex*, o mundo da fantasia, o mundo com alma, quando se resgata o movimento, não se negando a importância das referências do passado. Unir *Puer* e *Senex* implica em deixar o lado confuso, melancólico, solitário, marginalizado e incompreendido do *Senex* e, ser contaminado pelo lado aéreo e fantasioso do *Puer* (Hillman, 1989).

Os participantes moveram-se de *Senex* a *Puer* em distintos momentos durante o curso, o que pode ser expresso, por exemplo, ao “aventurarem-se” na experimentação de novas tecnologias, ao se entusiasmarem e terem vontade de aprender a usar equipamentos como câmera de celular ou câmera amadora que filma e tira fotos, ao buscarem enfrentar dificuldades decorrentes de lentidão no ritmo de aprendizagem e referentes aos aspectos técnicos, ao se surpreenderem e se encantarem ao poder usá-las criativamente.

Os participantes têm prática de leitura, facilidade e prazer em realizá-la para o grupo todo, mesmo quando se referiram a longos textos. Seu interesse manifestava-se também ao assistirem a filmes por inteiro, quando solicitados a perceberem aspectos técnicos de linguagem cinematográfica e a repararem nos detalhes, o que não é comum numa classe de jovens.

Para a maioria dos alunos, o curso com ênfase na *educação para a imagem* desenvolveu o sentido da representação através do exercício do olhar. Através de filmes e

vídeos, de exercícios práticos com suas câmeras de celulares ou mesmo de fotografia/vídeo digitais, promoveu-se a familiaridade e experimentações com ferramentas para a produção de conteúdos digitais.

Como parte da proposta, os alunos foram convidados a participar de um evento em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos, numa pequena cidade do interior paulista, evento ao qual se deu o nome de “Sarold”. Nele, desenvolveriam atividades que definissem como significativas às pessoas que lá residiam e que poderiam incluir poesias, música, movimento, fotos e vídeos, entre outras. Essa proposta possibilitou aos alunos sua atuação enquanto grupo ativo e criativo. Na instituição, a presença desse grupo estimulou o movimento e facilitou a expressão dos idosos residentes e a comunicação entre todos, constituindo-se o sentimento de grupo maior que a soma das individualidades.

Estimulou-se ainda a participação dos alunos num programa de IPTV (Programa de TV pela internet), denominado “Telosvisão”, também desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa “Cidade do Conhecimento”. Foi sugerido aos alunos que levassem ao programa, discussões desenvolvidas em sala de aula. Essa experiência representou para uma das participantes a aproximação ao sonho de ser locutora e passou a compor para outro aluno um novo projeto de vida: temos acompanhado por parte desse aluno a montagem de uma IPTV.

Os alunos atualizaram seus equipamentos, pois começaram a utilizar-se deles, buscando câmeras mais amigáveis ou com captação melhor de áudio. Foi realizada, por uma aluna, a construção de um *blog* sobre problemas da visão, sendo que este continua ativo, com um número de leitores sempre crescente.

Todos passaram a fazer um maior uso da internet, no início, repassando apresentações em *power points*, o que serviu, para aumentar o contato entre eles. Foi incentivado que a essa comunicação fossem acrescentadas mensagens pessoais, que estimulassem a comunicação e a imaginação. Os participantes formaram assim “famílias

virtuais”. Esse conjunto de oportunidades gerou sentimento de grupo e de identidade aos participantes.

A ideia de que somente o ensino de programas e softwares dá conta de aproximar o idoso (ou mesmo o jovem) das novas tecnologias, não levando em consideração o lado humano, mantém o idoso receoso, passivo, retraído e com a ideia de que é incapaz de aplicar o que aprendeu. Alguns podem vir a adquirir informação, porém, não sabem como compartilhá-la, vendo diante de si um abismo no que se refere ao uso dessa informação e sua aplicação na vida cotidiana.

Unindo-se o ensino da técnica, o equipamento e a criatividade, tendo por eixo a concepção de homem como ser ativo, criativo e participativo, chegou-se ao fim do processo com mais tolerância e desejo pela diferença.

Os resultados não foram apenas para os alunos. Para os professores, essa experiência com os mais velhos também surpreendeu por se sentirem muito respeitados, podendo falar do lugar de quem tem um conhecimento a ser trocado. Isso reafirma a questão dos arquétipos de *Senex* ou *Puer*. Estes não se manifestam necessariamente em conformidade com as idades cronológicas, expressam-se na relação entre as pessoas.

## **Conclusões**

Tem-se construído digitalmente novos meios de inclusão da pessoa idosa, indo na contramão do estereótipo do idoso, passivo e problemático, dando chances para um novo comportamento, bem-sucedido, por meio de práticas dialógicas e projetos audiovisuais.

Através de experimentações com câmeras amadoras de fotos e vídeo, celulares, ou computadores, um fluxo de informações foi experimentado. Os participantes adquiriram conhecimentos essenciais sobre os recursos, mas fundamentalmente descobriram nova relevância para essas ferramentas.

Na produção de vídeos e fotos, os encontros foram bem diversificados, mantendo-se a vivacidade e o prazer em cada aula. O compartilhar de ideais e experimentações entre os

alunos deu-se de maneira crescente, promovendo a constituição do grupo e a criação de um campo unificador de interação. Aliando-se teoria à prática, os alunos foram identificando e se apropriando das suas vontades, servindo-se das novas ferramentas para tentar satisfazê-las.

Este projeto buscou instaurar uma nova ordem, através da qual as práticas criativas, a apropriação e ampliação do conhecimento se alimentaram mutuamente. As trocas de ideias, o diálogo, a experiência, a discussão serviram ainda ao fortalecimento da autoconfiança, auxiliando os participantes no redescobrimiento de suas potencialidades, e sua capacidade de ação, além da ampliação de suas relações sociais. Percebe-se o quanto que devidamente estimulados, os idosos aprendem novas habilidades e o quanto estas são transformadoras.

Considerando as potencialidades e os interesses dos idosos pelo uso das novas tecnologias para enriquecer a vida cotidiana, tem-se buscado refletir sobre futuras experiências de inclusão digital de idosos que tenham como eixo norteador a identificação e concretização de projetos singulares.

Profissionais atentos e sensíveis aos limites e possibilidades dos idosos, bem como às suas necessidades e interesses, poderão propor experimentações de inclusão digital, adequadas as suas condições funcionais e, significativas ao seu projeto existencial, contribuindo para ampliação e potencialização do uso das novas tecnologias por essa população, sua maior independência, autonomia, inclusão social e qualidade de vida.

## Referências

Goldman, S. (2005). Envelhecimento e exclusão digital. *Revista Agora: Políticas Públicas e Serviço Social*, 1(1): 1-30.

- Guerreiro, T. & Caldas, C.P. (2001). *Memória e demência: (re) conhecimento e cuidado*. Rio de Janeiro (RJ): UERJ/UnATI.
- Halbwachs, M. (1990). *A Memória Coletiva*. São Paulo (SP): Vértice Editora, Revista dos Tribunais.
- Hillman, J. (1989). *Entre vistas* São Paulo (SP): Sumus.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Censo Demográfico Brasileiro, 2010*. Brasília (DF).
- Jung, C.G. (2008). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. (6ª ed.). Petrópolis (RJ): Vozes.
- Kachar, V. (2002). A terceira idade e a inclusão digital. *Mundo Saúde*, 26(3): 376-81.
- Kachar, V. (2010). Envelhecimento e perspectiva de inclusão digital. *Rev. Kairós Gerontologia*, 13(2): 137-47. São Paulo (SP): FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.
- Karsch, U. (2000). *Desafios a serem enfrentados no terceiro milênio, pelo setor saúde na atenção integral ao idoso*. Rio de Janeiro (RJ): UnAti.
- Neri, A.L. (2001). *Palavras-chave em Gerontologia*. Campinas (SP): Alínea.
- Netto, A.J. (1997). *Gerontologia Básica*. São Paulo (SP): Lemos Editorial.
- Papert, S. (1994). *A Máquina das Crianças. Repensando a Escola na Era da Informática*. Porto Alegre (RS): Artes Médicas Sul.
- Rowe, J.W. & Kahn, R.L. (1998). The structure of successful aging. In: \_\_\_\_\_. *Successful aging*: 36-52. New York: Dell Publishing.
- Saiani, C. (2000). *Jung e a Educação: Uma análise da relação professor/aluno*. São Paulo (SP): Escrituras.
- Tezza, R. & Bonia, A. (2010). O idoso e a internet: uma etnografia sobre interação e aprendizagem. *Rev. Perspectiva em Ciência da Informação*, 15(1): 185-97.

### **Sites consultados**

- George, E. (Da "sociedade da informação" à "sociedade 2.0": o retorno dos discursos "míticos", sobre o papel das TICs nas sociedades. Recuperado em 05 maio, 2012, de: [http://www.casperlibero.edu.br/rep\\_arquivos/2011/06/20/1308597591.pdf](http://www.casperlibero.edu.br/rep_arquivos/2011/06/20/1308597591.pdf)
- Rubedo, <http://www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/senex.htm>
- São Paulo, Carlos, <http://www.ijba.com.br/ijba/artigos/21.pdf>

## Videografia

Cole, N. (Dir.). (2003). *As garotas do calendário*. (título original: *Calendar Girls*). Reino Unido: Walt Disney Pictures. (108 min.).

Elliot, A. (2009). *Mary e Max, uma amizade diferente*. (título original: *Mary and Max*). Austrália: PlayArte Estúdio: Gaumont. (92 min.).

Kurosawa, A. (1952). *Viver* (título original: *Ikiru*). Direção. Japão: Toho Company (143 min.).

Ozu, Y. (Dir.). (1959). *Bom dia*. (título original: *Ohayô*). Japão: Magnus Opus. (93 min.).

Recebido em 12/06/2012

Aceito em 30/06/2012

---

**Tamara Katzenstein** – Psicóloga e Videomaker. Doutoranda em Meios e Processos Audiovisuais ECA/USP.

E-mail: katzensteint@yahoo.com.br

**Gilson Schwartz** - Sociólogo e Economista. Professor Doutor, no Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais ECA/USP. Líder do Grupo de Pesquisa Cidade do Conhecimento.

E-mail: gilson.schwartz@gmail.com



**Maria Helena Morgani de Almeida** - Terapeuta Ocupacional. Professora Doutora do Curso de Terapia Ocupacional da FMUSP. Responsável pelas áreas de Geriatria e Gerontologia.

E-mail: hmorgani@usp.br